REDES do TEMPO

MUSEU DE SINES

Jornal do Museu de Sines | Câmara Municipal de Sines | Número 13 | Setembro de 2018 | Diretor: Nuno Mascarenhas | Editor: Ricardo Pereira

Celeste, Manuela e Daniela Nobre

Celeste Estevam Raposo Nobre

Memorial do nosso Convento

Celeste Nobre nasceu em Sines em 1933 e com apenas cinco anos foi viver para o convento, de onde saiu aos 18. Entre 1938 a 1951 viveu neste pequeno paraíso, onde pouco se sentiram os efeitos da Segunda Guerra Mundial, que então devastou a Europa. Apenas as grandes tempestades assustavam os moradores, quando faziam crescer as ondas, até a espuma, e por vezes as águas, entrarem pelas janelas do edifício.

Morámos no Convento muitos anos. Mesmo no prédio! O proprietário era o patrão do meu pai, e como não tinha lá ninguém para o guardar, nem para cuidar, lembrou-se dele, e foi assim que nos mudámos para lá. Fomos morar mesmo para a casa grande, onde nasceu o meu irmão mais novo.
O Convento era mesmo, mesmo em cima da rocha! Tinha assim um quintalzinho, com um murozinho pequeno, e desse muro para baixo era rocha! Quando o mar estava muito mau, as ondas batiam no muro. Noutro tempo havia muitos vendavais, daqueles valentes, e o vento pegava nas ondas e espernegava com "elas" nas janelas do primeiro andar.
Quando o filho do senhor Miguel Chalbert dos Santos casou, quis ir morar para lá, como era natural, aquilo era dele, mas arranjou uma casa mais pequena, ao lado, para a gente ficar. Sempre dávamos "ousio" e companhia.
O Convento tinha um portão em ferro, com um sino e uma corrente com um puxador. As pessoas que chegassem, tocavam o sino e só assim a gente ouvia lá em baixo, porque o mar fazia muito barulho. Íamos ver quem é que estava ao portão e quem quisesse podia passar pelo Convento. Os pescadores para irem pescar, com cana, iam muitas vezes por ali, tocavam o sino e já sabiam que a gente ia abrir o portão para eles irem pescar.

Interior do Convento

Era uma casa bonita, de formato quadrado, com rés-do-chão e primeiro andar.
Tinha uma bela cozinha, antiga, e uma sala de jantar grande, com móveis, loiças, e essas coisas de sala de jantar. A sala de estar, com uns sofás, era onde as pessoas de fora entravam. Os tetos eram de quatro bandas, muito altos, com uns desenhos em relevo.
Tinha dois ou três quartos. Nós eramos três irmãos, dois rapazes e uma rapariga. Os meus irmãos dormiam os dois no mesmo quarto e eu já não me lembro se dormia no quarto da minha mãe ou se dormia no quarto deles.
Quando o filho do senhor casou, fizeram obras. Construíram uma despensa cá em baixo e uma casa de banho grande lá em cima. Aquilo esteve tudo destapado e ficou a céu aberto enquanto fizeram essas obras. Assim no mesmo nível da casa encontraram ossos de pessoas, muitas ossadas, e uma bilha para… dava a impressão que era para pássaros ou galinhas ou isso, mas o que se achou mais foram ossos.

O Jardim

O jardim era muito bonito!
Havia água com fartura e uma fonte lá em cima. Uma fonte? Aquilo era uma gruta! Eu e os meus irmãos dizíamos: "hoje é que a gente vai ver como é o fundo da fonte", mas assim que a gente chegava não sei se a meio, se onde era…ai…era escuro que nem breu. Tinha pedras e um tanquezinho. A água da gruta tinha duas saídas. Uma vinha para esse tanque. Outra vinha para uma bica, onde se podia ir buscar uma quarta de água para beber ou para se governar.
Houve um grande vendaval e onde havia essa fonte e esse tanque caiu um bocado do muro. E no muro caído, apareceu, assim uma abóbada com uma pedrazinha em altura, parecia um altarzinho onde possivelmente devia estar uma santinha ou um santinho, ou isso. Aquilo era um convento e era natural que fosse uma santinha ou santinho.
Quem depois refez o muro possivelmente tapou tudo.

Nota do presidente

Lançamos mais um número do nosso jornal *Redes do Tempo*, para comemorar as Jornadas Europeias do Património, este ano sob o tema "Partilhar Memórias".
Desta vez vamos lembrar o antigo Convento de Santo António, cujos últimos vestígios foram demolidos quando do rebentamento do Pontal e início da exploração da pedreira de Monte Chãos. Mas se desapareceram os vestígios materiais deste edifício quinhentista, permanece ainda a memória dos que nele habitaram e que por isso é uma preciosa fonte que aqui é registada e partilhada.
A caminho do Convento vamos passar pela ermida de Santa Catarina e pela quinta a que deu o nome, uma das residências míticas do poeta Al Berto. Vamos lembrar quando a estrada era a pista de corrida dos alunos da escola e as rochas em que assentava abundavam em ouriços, lapas e percebes, importantes alimentos em tempos difíceis.
Na nossa capa trazemos três gerações que partilham uma ligação forte a este espaço debruçado sobre o mar, ligadas não só pelos laços familiares, mas também por essa partilha de memórias e de conhecimentos, enriquecida sempre por novas visões. São estes fortes laços, entre a memória de um mundo antigo e o desafio de sonhar novas realidades, que consolidam uma comunidade, e, por isso, apostamos em estreitá-los cada vez mais, através de diversos projetos, de que este jornal é um claro exemplo.

Nuno Mascarenhas

Presidente da Câmara Municipal de Sines

Temporais
Com os temporais, como disse, a água batia nas janelas do primeiro andar e varria aquilo tudo. Apanhámos um susto valente quando houve um ciclone muito grande aqui em Sines, no ano de 1941. Na casa onde morávamos voaram as telhas e fomos todos para o convento. O meu pai tinha de estar agarrado à porta, com um pau, porque se o vento entrasse aquilo ia tudo pelos ares.
Nesse dia, do tal vendaval, andávamos nos quartos lá de cima, a apanhar água do mar com um pano. Lembro-me tão bem como se fosse hoje, a gente a apanhar água e o mar pumba, mandava mais. Não sei como não partiu os vidros! Escorria pelas paredes abaixo. Foi um vendaval tão grande que o muro da quinta de S.Rafael caiu todo.
O meu pai estava a trabalhar e o patrão mandou-o para casa. Ele vinha andando rente ao muro e o muro ia caindo atrás dele. Custou a chegar a casa.
Quando nos viemos embora, o Convento ainda esteve um tempo sem ninguém e depois alugaram-no ao Dr. Evaristo, que também gostava daquilo, assim como eu gostava. Foi para lá morar uma outra pessoa que não sei explicar quem é, nem sei se ainda é viva. Ela era mais velha do que eu se calhar já não é viva. Foi contratada para cuidar e trabalhar lá em casa parece-me.
Depois quando o Dr. Evaristo morreu não foi para lá mais ninguém.

Sines e o Convento, pormenor da *Carta da Costa do Governo de Sines*, João Gabriel de Chermomt, 1790. Instituto Geográfico Português, CA 282.

O tempo da guerra
No tempo que a gente lá esteve, foi também o tempo da guerra. Havia muita fome, mas graças a Deus tivemos tudo com fartura. A gente nunca teve falta de nada porque o meu pai semeava batatas, cenouras e tudo quanto era do campo. Tínhamos um forno e a minha mãe cozia pão. Quando havia poucochinho íamos comprar farinha e a minha mãe amassava. Eu também ainda cheguei a amassar, tender é que eu não sabia.
Matávamos um porco e quando esse acabava matávamos outro. Tínhamos galinhas e ovos e essas coisas todas. E depois fartura de peixinho no mar. Tínhamos vacas e tínhamos leite com fartura. E peixinho era só ir apanhar. Não tínhamos falta de nada graças a Deus. Tenho tantas saudades desse tempo!
Quando a minha mãe não sabia o que havia de fazer para o almoço dizia assim: " Ai meu Deus o que é que faço para o almoço?", e nós dizíamos-lhe: "Não se apoquente que a gente vai apanhar peixe". Pegávamos cada um na sua cana e era só descer a ladeirinha. Ladeirinha não, ladeirão que aquilo era muito alto! Descíamos a ladeira e íamos à pesca. Daí a bocado aparecíamos com um balde de peixe que não faz ideia! Bodiões, safias, burrinhos e outros peixinhos assim, búzios, ouriços, lapas e caramujos. Era o que apanhávamos. Tudo com fartura! Era só ir lá abaixo e trazer um balde cheio. Umas vezes, a minha mãe fazia arroz de lapas, outras, enfim, fazia as coisas que sabia. Mas íamos mais quando a maré estava vazia porque íamos até mais longe, com as rochas a descoberto.
A praia do Convento era depois do pontal. Atrás do pontal era a Santa Catarina, que tinha um rio, o rio da Moura. Tinha uma bela praia e tinha também bom marisco. O rio da Moura era na direção da quinta do Lopes Paulo, tinha uma casa, onde morava gente, mas ainda era longe do Convento. Santa Catarina era antes do rio da Moura. Gostava muito de ir ao rio da Moura. Íamos muitas vezes e ia lá também muita gente lavar roupa, porque tinha um tanque muito grande.

Foi o sítio onde mais gostei de morar!
Eu adorei aquele sítio!
Foi lá que eu aprendi a nadar com os meus irmãos. Aquilo era tudo rochas não tinha areia. Arranjei uma corda com uma mão cheia de cortiças de um lado e outra mão cheia de cortiças do outro, enfiadas todas na corda e punha-a na cintura, e aprendi a nadar assim! Não ia ao fundo e os meus irmãos andavam sempre por ali, eles eram mais novos, mas tinham mais prática.
Deixei a escola muito cedo porque a minha mãe tinha vacas e eu é que tinha de cuidar do gado. Andava por aquelas barrocas a guardar as vacas. Uma vez caiu uma bezerra pela barroca a baixo. Apanhei um grande susto! Custamos a tirar de lá a bezerra, teve de ser com ajuda de uma data de homens.
Brinquei pouco. Guardava as vacas até Santa Catarina, o rio da Moura, as Águas Férreas e tinha de ajudar também em casa. Não tinha com quem brincar, só tinha os meus irmãos. Não tinha uma rapariga para brincar e as brincadeiras deles eram diferentes.
E então era assim! Tínhamos vacas tínhamos essas coisas todas, tínhamos tudo com fartura, nunca faltou nada. Adorei aquele sítio! E tive um desgosto de abalar que não faz ideia!
Passados uns anos, um dos meus irmãos, que era carpinteiro, foi lá ao Convento trabalhar e eu fui levar-lhe o almoço. Chorei tanto, tanto, tanto, que não faz ideia, a lembrar-me daquele tempo que a gente lá passou. Tivemos uma infância fora do vulgar naquele sítio.

A partir de entrevista de Celeste Nobre por Luísa Bruno a 9 de outubro de 2015

Manuela Nobre

Ouriços, Lapas e Caramujos

Manuela Nobre nasceu em Sines em 1961 e desempenha funções de técnica de turismo na Câmara Municipal de Sines. Cresceu ouvindo as histórias que a sua mãe contava, acerca do antigo Convento e da sua infância passada à beira mar, com os seus rituais, que também ela repetiu com prazer, em torno da apanha de ouriços, lapas, percebes e caramujos, depois cozinhados e comidos à fresca sombra dos pinhais de Vale Pincel.

Piquenique em Vale Pincel, década de 1960. Coleção de Manuela Nobre

Manuela Nobre na fonte do convento, década de 1960.
Coleção de Manuela Nobre

A minha mãe passou a infância no antigo Convento, sempre debruçada sobre o mar. Contava muitas histórias desses tempos, passados despreocupadamente em brincadeiras e pescarias, por entre aqueles rochedos e praias encaixadas, onde em poucos minutos se enchia um balde de percebes ou se apanhava o peixe para o almoço. Eu ainda conheci essa costa toda e até mesmo a quinta do Convento, antes da sua destruição. Tenho mesmo fotografias tiradas junto da antiga fonte, que tinha uma mãe-de-água com um túnel profundo e escuro, todo encoberto por heras, que lhe adensavam o mistério.

Mesmo depois do convento ter sido destruído e do início das obras do porto, o meu pai continuou a levar-nos à maré. Quando eu comecei a apanhar ouriços, apanhavam-se aqui no larido de Vale Pincel e depois, com o passar dos anos fomos andando cada vez mais para sul. As últimas vezes, que já foi há uns bons anos, tive de ir ao Burrinho. Agora já nem sei se ainda os há por aí.

Os ouriços eram assados na caruma dos pinheiros, mas quase tudo o resto era só cozido em água e sal, da forma mais simples, para conservar o rico sabor natural dos mariscos.

Havia quem fizesse arroz de caramujo, mas na minha casa não havia muita paciência, porque tem de se tirar a capinha do caramujo. Depois de cozido tínhamos de o tirar da concha e depois retirar essa capinha. Fazíamos era arroz de lapas. Fazia-se um refogado com cebola, alho azeite e coentros, e o arroz era feito com a água de cozer as lapas, que eram limpinhas, puxava-se a cabecinha e vinha a tripa, para não ter areia.

Desde a minha infância que eu tenho a ideia de que quando chegava a altura de irmos aos ouriços, íamos aí durante uns três ou quatro meses à maré. Fora dessa época apanhávamos lapas e caramujos. O meu pai dizia "a partir de fevereiro é que é, mas nós vamos logo em janeiro, para experimentar e ver se já estão bons". E às vezes até estavam, dependia do mar dos meses anteriores. O meu pai adorava ir à maré e eu lembro-me de, desde muito pequenina, ir com ele.

Por vezes toda a família ia. Iam os tios iam as primas e a seguir íamos para o pinhal de Vale Pincel. Levavam-se fogareiros, carvão e tachos. Grelhavam-se lapas, coziam-se caramujos, e assim se passava a tarde inteira à sombra daquele pinhal lindíssimo e frondoso, nem sequer íamos à praia. Os adultos iam à maré e as crianças, que ficavam em casa só vinham mais tarde, para o almoço.

Faziam-se corridas de ouriços. Eu chegava por vezes a casa com baldes e sacos de serapilheira cheios. Havia tanto ouriço! E cada uma das minhas filhas escolhia um ouriço bonitinho e punham-no no chão a ver pacientemente qual é que andava mais rápido, numa distância de apenas alguns centimetros, e assim foram criando uma relação muito próxima com estes seres marinhos.

A partir de entrevista de Manuela Nobre, por Ricardo Pereira a 11 de setembro de 2018.

Lapa e cracas na praia da Oliveirinha. Fotografia de Daniela Nobre

Praia da Oliveirinha. Fotografia de Daniela Nobre

Daniela Nobre

Entremarés

Daniela Nobre nasceu em 1991 e licenciou-se em Biologia Marinha na Universidade do Algarve. Tem desenvolvido trabalho de investigação no Laboratório de Ciências do Mar da Universidade de Évora, sediado na praia de Sines. A sua grande paixão são as espécies que vivem na zona entremarés, com destaque para as lapas, as "meninas dos seus olhos".

A minha família sempre teve uma forte ligação ao mar e esse amor e carinho foi sendo transmitido de geração em geração. Sempre vivemos junto ao mar e habituados a estar no mar todos os dias, seja de inverno ou de verão e foi muito natural a forma como decidi enveredar por essa área.

Logo no primeiro ano do curso, fiz voluntariado no Laboratório de Ciências do Mar. Comecei por estudar as cracas, e mais tarde as lapas, que são uma paixão, e foram o tema das minhas teses de licenciatura e de mestrado, centradas na praia da Oliveirinha. Depois do curso fui bolseira e a partir daí fui ficando inserida noutros projetos e prosseguindo diversos trabalhos.

As minhas investigações sempre se centraram naquela zona maravilhosa entremarés. Fascina-me aquele mundo que tanto pode estar coberto pelas águas, como a descoberto. É um meio incrível, não só para nós, investigadores, como pela sua riqueza económica de que dependem os mariscadores, por exemplo, para a apanha do percebe, que é tão importante aqui em Sines. E nós temos uma ligação à associação de mariscadores, porque são eles que estão na primeira linha da apanha. Não há uma atitude de investigadores para um lado e mariscadores para o outro, há sim um objetivo comum, de gerir este importante recurso.

Existe um período de defeso – de 15 de setembro a 15 de dezembro –, numa época, que é a chamada época de "recrutamento", em que os pequenos indivíduos se fixam às pinhas de percebes existentes nas rochas. Temos de garantir o tempo necessário para eles se fixarem e crescerem e assim podermos ter percebes para o próximo ano.

O Laboratório de Ciências do Mar, da Universidade de Évora, já existe em Sines há mais de 25 anos, e por isso temos séries temporais de estudos que nos permitem ter dados sobre o desenvolvimento e a distribuição das espécies.

Isto é o nosso trabalho, mas também é a nossa paixão, por isso mesmo fora dele, fazemos muitas atividades no mar, como mergulho em apneia, só pelo puro prazer de desfrutar de tudo aquilo que é também o nosso objeto de estudo. Ainda continuamos a ter aquele brilho nos olhos e aquele gosto de apreciar todas as coisas maravilhosas que a natureza nos dá.

Todos os anos são um bocadinho diferentes, dependem de fatores como a temperatura das águas ou as correntes. Este ano voltei à Oliveirinha, onde tinha centrado os meus trabalhos de licenciatura e de mestrado, e que este ano desareou muito, o mar tirou muita areia e por isso vi rochas que nunca tinha visto. Cheias de limos, todas verdinhas, e por incrível que pareça com lapas, que estarão durante períodos imensos totalmente cobertas de areia e que mesmo assim se mantêm e sobrevivem, ou que para lá se deslocam quando tudo aquilo se descobre. Eu sei que de uma semana para a outra aquelas rochas ficaram a descoberto e cheias de vida.

Até mesmo dentro do porto, onde não é permitido pescar, há uma incrível biodiversidade, apesar de toda a atividade portuária. É surpreendente como aparecem imensos sargos e pampos, e por entre as rochas nos surgem muitas outras espécies.

Na nossa família todos adoramos o mar e sempre que possível vamos contemplá-lo. Quando perguntamos à avó se ela quer dar uma voltinha, ela diz-nos sempre que quer ir vê-lo, e aí vamos nós!

A partir de entrevista de Daniela Nobre por Ricardo Pereira a 11 de setembro de 2018

O Convento de Santo António

Quase concluído em 1534 e abandonado em 1834, o Convento de Santo António teve uma vida de exatamente 300 anos. Pertenceu a uma ordem mendicante, os Franciscanos, cujo modo de vida se coadunava bem com a pobreza geral da população de Sines, sem deixar de ter uma forte ligação às suas elites, que o escolheram como espaço de repouso final dos seus corpos e para as missas de sufrágio pelas suas almas. A decadência da casa, até ao seu abandono, à ruina, e à dispersão do património móvel, coincide com a revolução política e social que resultou na implementação do Regime Liberal.

Durante um terrível temporal, ocorrido no ano 1504, um pobre pescador viu-se em perigo no mar, à vista da vila. Os fortes ventos de sul e sudeste agitavam as águas, formando grandes ondas que empurraram a frágil embarcação de madeira contra os negros rochedos, que emergiam das águas, destruindo-a em poucos minutos. Vendo-se perdido, atirado para um áspero rochedo, afastado de terra, sem qualquer hipótese de obter ajuda, o pobre homem elevou os olhos ao céu, implorando a ajuda da Virgem, por intercessão de Santo António e logo foi miraculosamente atendido, sendo levado por uma onda que o depositou em segurança na praia.

Logo correu para a vila, proclamando o milagre a todos os que encontrava no caminho e prometendo edificar um convento em honra do santo. No entanto a pobreza da povoação apenas permitiu que se recolhessem esmolas suficientes para a construção de uma pequena ermida, próximo do local onde ocorrera o milagre, sem que, no entanto, o projeto inicial tenha sido abandonado.

Alguns anos passados, chegou a Sines um pequeno grupo de missionários franciscanos, que tendo conhecimento deste projeto, conseguiu convencer o comendador e alcaide-mor da terra, Jorge Furtado de Mendonça a financiar a obra, que rapidamente avançou, estando certamente quase concluída a casa monástica no ano de 1534, quando já aí habitavam quatro frades, certamente incumbidos de acompanhar a conclusão dos trabalhos.

Armas da família Mendonça. Arquivo Nacional Torre do Tombo, *Livro do Armeiro-Mor*

Apesar da grande fortuna do comendador, nesta empreitada impôs-se o espírito de pobreza franciscano, que se materializou num edifício térreo, organizado em torno de um pequeno claustro, com uma fonte no meio. Ao redor anichavam-se as 12 celas dos frades, de que se destacava a do guardião, maior e com uma pequena sala anexa, a cozinha, casa da lenha, refeitório e uma sala de aulas. A igreja conventual tinha tribuna de talha na capela-mor e duas capelas colaterais, enquadrando o arco triunfal. Na da esquerda venerava-se Santo António e na da direita Nossa Senhora do Egipto.

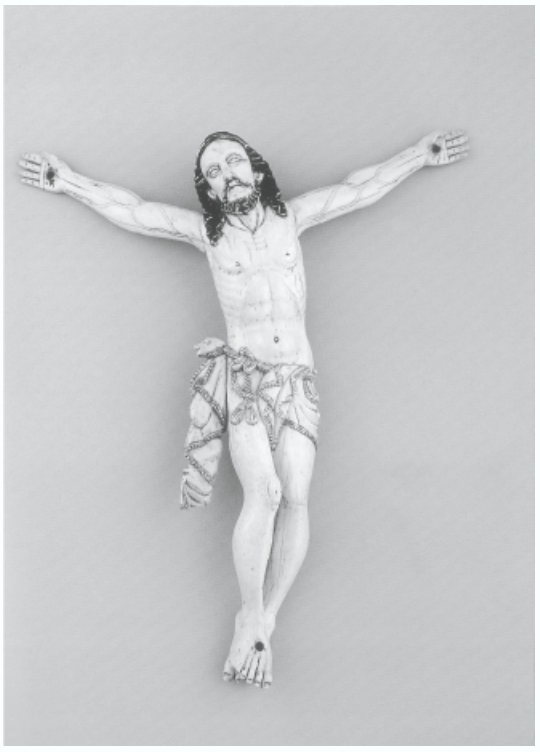
Jorge Furtado de Mendonça morreu em 1548 e foi sepultado na capela-mor, em sepultura com laje armoreada, onde mais tarde foram enterrados outros membros da sua família, como o seu neto homónimo, de quem se conserva, no Museu de Sines, a lápide funerária.

Seguindo este exemplo, algumas das famílias abastadas, quer da vila de Sines, quer mesmo das redondezas, escolheram esta igreja para aí serem sepultadas, legando aos frades importantes rendimentos, em pagamento de muitas missas perpétuas. Com o tempo, as missas que os franciscanos estavam obrigados a rezar, eram tantas que se tornou impossível cumprir o disposto nos testamentos e o rei autorizou, em 1635, que algumas delas fossem celebradas na igreja matriz de Almodôvar.

A comunidade conventual apoiava as populações rurais mais isoladas, celebrando regularmente os ofícios divinos na ermida de São Bartolomeu e na de Nossa Senhora dos Remédios, acompanhava funerais, realizava pregações e cantorias por ocasião das festas locais, com destaque para as que eram da responsabilidade da Câmara, para além de deter a capelania da Praça Militar.

A costa entre o Castelo de Sines (E) e o Convento (N), Leonardo Torriano. Arquivo Nacional Torre do Tombo, Casa Cadaval, nº29, Fl 60

Praia e últimos vestígios do Convento, c.1905. Coleção da família Lobo de Vasconcellos



Crucifixo de marfim Indo-português, proveniente do Convento. Tesouro da Igreja de Nossa Senhora das Salas

No século XVII o Convento sofreu profundas obras de beneficiação, devidas à iniciativa de frei Jacinto dos Anjos, que para elas consegui obter o apoio de D. Pedro II e de outros membros da família Real. Também nesta ocasião não deixaram de acontecer prodígios, atribuídos à interseção de Santo António, um dos quais aconteceu quando o barco à vela, que transportava os azulejos destinados a revestir as paredes da igreja e do refeitório, ficou parado no mar, por falta de vento, à vista de uma galé de corsários galegos, bem armada e provida de fortes remadores. Quando os marinheiros portugueses já se imaginavam prisioneiros, nada aconteceu, como se o santo houvesse encoberto a vista dos corsários, pondo a salvo os que trabalhavam para a obra da sua casa. Noutras ocasiões, foram as pesadas carretas, puxadas por juntas de bois, que se precipitaram das rochas, indo cair em baixo na praia, mas logo retomando o seu caminho, sem a mais leve beliscadura e subindo a encosta, como se fosse terreno plano e sem obstáculos.

A vida da comunidade conventual começou a tornar-se mais difícil, na segunda metade do século XVIII, devido à política de desamortização implementada pelo marquês de Pombal. Em consequência das novas leis promulgadas nos anos de 1769 e 1770, muitas das capelas de missas, instituídas no Convento, foram abolidas, com particular incidência entre os anos de 1772 e 1776, conduzindo a uma difícil situação económica. Em 1789, já no reinado de D. Maria I, foi criada a Junta de Melhoramento Temporal das Ordens Religiosas, destinada a reformar as casas monásticas e a eliminar as que tinham reduzido número de religiosos.

Reduzida a uma situação de pobreza, a que as esmolas da população pouco podiam obviar, a comunidade religiosa foi decaindo progressivamente. Durante a guerra civil, em novembro de 1833, as tropas liberais abandonaram Sines, temendo um ataque do exército Miguelista. Embarcaram em direção a Lisboa, juntamente com alguns habitantes mais influêntes e os frades que abandonaram o Convento à sua sorte. Antes de partirem, temendo assaltos e pilhagens, enterraram, entre o Convento e o mar, algumas peças de prata: um turíbulo, a sua naveta e uma custódia, enquanto no sacrário da capela de Santo António ficou a cruz-relicário do Santo Lenho e a caixa dos Santos Óleos, tudo isto roubado, juntamente com os livros de inventário e algumas peças de mobiliário, durante a sua ausência. Nesta fase apenas deviam restar dois ou três religiosos, habitando um edifício já parcialmente arruinado.

Em tempos agitados é decidida a extinção da casa religiosa e no dia 30 de maio de 1834, as poucas peças de valor que restavam foram entregues pelo guardião do Convento ao deputado tesoureiro da Junta dos Melhoramentos Temporais das Ordens Regulares:

- Uma píxide pequena de prata dourada
- Dois cálices de prata no copo e pés de bronze
- Um cofre de tartaruga com guarnições e chave de prata
- Seis resplendores de prata de vários tamanhos
- Quatro cruzes de vários tamanhos

A píxide de prata dourada, avaliada na modesta quantia de 6$000 réis foi entregue à freguesia do Barreiro e os dois cálices, com as respetivas patenas e colheres, avaliados globalmente em 18$600 réis, seguiram o caminho de Pinheiro Grande.

Entretanto, no exato dia em que as peças de prata foram entregues é assinado no Porto o decreto de extinção das ordens religiosas, sendo os frades obrigados de imediato a abandonar os seus conventos. Na sequência deste diploma legal, os restantes objetos preciosos foram divididos entre vasos sagrados, e paramentos, que serviam o culto divino, postos à disposição do Bispo da Diocese, para serem distribuídos pelas igrejas mais necessitadas, e aqueles que não tinham uma

Ilustração Portuguesa, 2 de fevereiro de 1914

Lápide funerária de Jorge Furtado de Mendonça, neto do fundador do Convento. Museu de Sines

saída dos frades, e passados alguns anos de indecisões quanto ao seu destino, até à sua venda, estando num dos pontos mais assolados pelas ondas do mar, é natural pouco a pouco se tenha ido desmoronando, ao ponto de nem ser referido por Francisco Luiz Lopes na sua monografia de 1850, que apenas o nomeia numa curta nota de rodapé acerca da lápide funerária que aqui reproduzimos: "O epitáfio deste Fidalgo está escripto n'uma campa, que serve hoje de pedra de tanque, ou cousa que o valha, n'um jardimzito que o Sr. Daniel de Mattos talhou no antigo claustro."

A Ilustração Portuguesa de 2 de fevereiro de 1914 apresenta-nos uma rara fotografia, da autoria de José Monteiro Guerreiro, onde se vislumbram uns arruinados casebres, identificados como sendo "parte do antigo convento", junto do local onde naufragou o hiate "Porfirio". A partir dela podemos identificar outra fotografia mais clara, datada de 1907, incluída no álbum fotográfico organizado por Maria das Dores Lobo de Vasconcellos.

Tudo viria a desaparecer no primeiro quartel do

Demolição da casa da Quinta do Convento

função cultual e por isso seriam vendidos ou encaminhados para a Casa da Moeda a fim de serem fundidos. Nesta segunda categoria enquadrava-se o cofre de tartaruga, certamente indo-português, que seguiu para a Casa da Moeda, onde foi vendido em hasta pública a 19 de dezembro de 1835, pelo valor de 4$850 réis, perdendo-se a partir de então seu rasto.

As restantes peças de prata – resplendores, coroas e cruzes – foram entregues, a 4 de maio do mesmo ano a Joaquim Januário de Saldanha Machado, "para se fundirem e reduzirem a barras a fim de se lhes conhecer as suas respectivas Leyz por Ensaio Real", tarefa rapidamente realizada.

Logo se inicia a discussão acerca do destino a dar à igreja conventual. Em Sines, o Vigário da Vara era da opinião de que o templo não era necessário para igreja paroquial, porque a existente era boa, apenas se achando a tribuna da capela-mor arruinada. As autoridades diocesanas também expressam as suas dúvidas quanto à conservação da igreja, ao que responde o Vigário da Vara com o esclarecimento de que apesar de o templo não ser necessário como paroquial, devia ser conservado, devido à grande devoção que as gentes da terra tinha à imagem de Santo António que ali se venerava.

Em 19 de setembro de 1834, quando se realizou o inventário e o Convento foi entregue à Fazenda Nacional, exceptuou-se a igreja e sua sacristia, que permaneceram afetas ao culto, com as imagens e cruzes nos altares, encerrando-se as comunicações com as restantes dependências.

Nesse mesmo ano o Estado arrendou o Convento e os seus terrenos a Francisco Manuel Andrade, de Santiago do Cacém, pela quantia anual de catorze mil e quatrocentos réis, no entanto diversos serviços públicos ainda cobiçaram o vetusto edifício, entre as quais o ministério da Guerra, com o fim de aí instalar o quartel da guarnição da vila, assim como se ponderou aí instalar a alfândega, no entanto as avultadas somas que seriam necessárias para recuperar o edifício e as grandes necessidades de fundos nos cofres públicos, levaram à decisão final da sua venda, tomada por Portaria do Ministério da Fazenda de 9 de fevereiro de 1841.

Já em processo de ruina em 1834, a quando da século XX, para dar lugar a um moderno edifício de dois pisos, que iria permanecer neste local até ao início dos trabalhos de construção do novo porto, levadas a cabo pelo Gabinete da Área de Sines. Para explorar a pedra do maciço de Monte Chãos e transportá-la através da praia para a construção do Molhe Oeste, foi dinamitado o Pontal de Santa Catarina e a casa da Quinta do Convento, desaparecendo juntamente todo um território que é hoje a grande cratera da pedreira de Monte Chãos.

Ricardo Estevam Pereira

Para aprofundar o tema:
Ricardo Estevam Pereira, « O Desaparecido Convento de Santo António de Sines», *Actas do 4º e 5º Encontros de História do Alentejo Litoral*, Centro Cultural Emmérico Nunes, (No Prelo), pp. 174-187.

Grupo de Defesa dos Interesses de Sines, maio de 1928

1. Hegino Guisado Estapa
2. António Clemente Soares
3. António Saraiva
4. José Monteiro Guerreiro
5. Capitão Machado
6. Governador Civil de Setúbal
7. Domingos Rodrigues Pablo
8. Gabriel Vasco dos Santos
9. José Jacinto
10. José Brissos
11. Carlos Estevam
12. João Matos Leote
13. Clemente José da Costa Pita
14. Raimundo Forjaz Granés
15. Leonel Mendes da Silva
16. João da Silva Barbosa
17. Miguel Chalbert dos Santos
18. Domingos Rodrigues Pablo (filho)
19. Pedro Campos David
20. Francisco Campos de Oliveira
21. Joaquim da Costa

Miguel Chalbert dos Santos

O Dono do Convento

Miguel Chalbert dos Santos nasceu em Sines, a 13 de janeiro de 1875, filho de Joaquim Lourenço dos Santos, artísta, e de Maria Rita Chalbert, moradores nesta vila. Em 1923 já residia no Convento, como atesta o Auto de Vistoria a uma destilaria, de sua propriedade, realizada nesse mesmo ano. A ele se deverá certamente a construção do edifício de dois pisos que nos aparece em diversas fotografias, tiradas ao longo do século XX, pois em 1907, ainda se encontravam neste local apenas algumas paredes carcomidas, últimos testemunhos da antiga casa monástica, documentadas no álbum fotográfico organizado por Maria das Dores Lobo de Vascocellos. Este edifício segue o modelo da casa da Quinta de Santa Isabel, edificada pouco antes de 1850 e nesse ano considerada a melhor casa de Sines por Francisco Luiz Lopes. A tipologia de habitação isolada, de dois pisos e planta quadrada, com alçados quase idênticos, próxima de uma volumetria cúbica, coberta por telhado de quatro águas, foi trazida de Inglaterra pelos irmãos Pidwell, e corresponde à da sua casa natal situada na cidade portuária de Pensance, na Cornualha.

Chalbert foi comerciante e industrial, tendo ocupado diversos cargos públicos, com destaque para o de presidente da Comissão Executiva da Câmara Municipal, em 1919, e Vereador da mesma em 1921. Em 1926 foi vogal da Comissão Administrativa da C.M.S. e, no mesmo ano, também vogal do Grupo de Defesa dos Interesses de Sines. Para além destas atividades cívicas encontramos diversos documentos no nosso Arquivo Histórico Municipal, que permitem acompanhar o seu trajeto de vida: em 1923 possuía uma destilaria de água-ardente, situada na rua Manuel de Arriaga; em 1936 era casado e proprietário; em 1949 tem um alambique, licenciado em 1920. Em 1943 já era proprietário de um veículo automóvel, assim como depositário de adubos. Em 1950 tinha uma destilaria na travessa Pública.

Trata-se de uma figura cujo estudo merece ser aprofundado pela sua intensa atividade cívica e económica, documentada até à sua morte ocorrida em 1953.

Sandra Patrício e Ricardo Estevam Pereira

Informação detalhada sobre a documentação pode ser obtida no site do Arquivo Municipal de Sines: http://45.33.69.154/index.php/miguel-chalbert-dos-santos?sf_culture=pt

Quinta do Convento, Hidalgo Vilhena, século XX, 1º Quartel, Arquivo Histórico Municipal de Sines, PT PT-MNSNS MMS/G/000021. Original da coleção de António Augusto Alves Seixas de Aguiar e de Eliseu Rafael Seixas de Aguiar

Depoimentos

Manuel Domingos Martins Oliveira

A minha irmã Tila morou numa casa ao lado do Convento. Aquilo era um edifício muito grande. Era uma quinta antiga, que antigamente fôra um Convento. A prova disso era um tanque que lá havia, onde a minha irmã lavava a roupa. Era feito com as pedras tumulares que foram tiradas da antiga igreja conventual. Acho que o edifício que lá existia, onde morava o Sr. Chalbert, não era o original. Na frente do tanque, tinha três nichos seguidos, redondos, que dáva a impressão que era onde punham as imagens. Aquilo foi tudo destruído quando derrubaram o edifício! A Dorde, as Águas Férreas, a quinta do Lopes Paulo. Desapareceu tudo! Arrasaram aquilo tudo com máquinas!

No interior estive algumas vezes. Entrava lá dentro, mas só cá em baixo, porque o Chalbert tinha um filho, que era miúdo, e eu ia para lá brincar com ele. Era uma casa normal, que tinha um quartinho cá em baixo para as criadas: uma cozinheira e uma outra criada que era das limpezas. Tinha uma salinha que era onde "eles" normalmente estavam. Por cima é que nunca cheguei a ir. Era miúdo mas não entrava lá na casa das pessoas sem mais nem menos! Entrava com o filho e tinha muito respeito por eles, não é? E a minha irmã não queria que a gente andasse muito lá dentro.

Aquilo era um sítio muito bonito! Parte do edifício estava feito mesmo em cima de uma rocha. A gente assomava-se e via a rocha para baixo. A praia era só com pedras, não tinha areia. Havia a praia de Santa Catarina primeiro, depois a praia do Convento seguida de vários outros sítios.

Havia o terreno que semeavam, e por trás as vinhas, de onde o Sr. Chalbert apanhava as uvas com que fazia o vinho, que vendia na adega dele. Tinha também um armazém e vendia muito vinho, não só o dele, mas também o de outros produtores.

Jorge Martins Pereira

Os meus pais foram caseiros do Convento. Quando fui para lá? Não sei bem. Quando dei por mim já lá estava! Mas acho que não nasci lá porque a minha mãe, Bertília, mais conhecida por Tila, e o meu pai, Jacinto Jerónimo Pereira, moraram primeiro nas Águas Férreas e depois é que foram para a quinta, que era então do Orlando Chalbert e estava alugada ao Dr. Evaristo. Os meus pais foram ser os caseiros, para tomar conta da horta e principalmente da casa.

As pessoas vinham ao médico e davam-lhe galinhas, perus e borregos. Quem tratava daquilo tudo? Os meus pais, claro! As pessoas sabiam que ele estava lá quando viam o carro na garagem, outros doentes era mesmo ele que os mandava ir: “eu no domingo estou em Sines, vá lá que eu quero ver isso”. A minha cama é que servia para os doentes se deitarem, para ele os consultar. A minha mãe tinha sempre aquilo muito limpinho, muito arranjadinho, já se sabia!

Saindo da casa, a subir, havia umas escadas, o tanque de lavar a roupa, a bicheza e jardins. Depois subia-se novamente por outras escadas, e depois subíamos para outro patamar, já sem escadas, mas uma subida grande, onde estava um tanque de rega, com peixes, rodeado de árvores de fruto.

Semeavam lá de tudo. Para um lado e para o outro. A «Canha» era onde íamos à água, era uma coisa que vinha debaixo da vinha, género de um túnel, mas eu nunca cheguei a ir lá dentro. A água era canalizada, assim no género de meia cana, e corria por ali até ao outro lado. E de lá para o tanque de rega, e daí corria para o outro tanque lá em baixo, onde a minha mãe lavava a roupa, e para regar os jardins.

Nunca fui lá para o fundo. Se fosse hoje era diferente, mas naquele tempo diziam “não vás para aí que aparece isto e aquilo!” e nós éramos gaiatos e tínhamos medo.

Carlos Lopes Paulo

Quando andei na Escola Primária, ainda era ali no edifício onde hoje é a Câmara Municipal, e uma das coisas de que me lembro era de fazermos corridas à volta de toda aquela zona, até ao Convento. Aquilo era a nossa pista, o que quer dizer que fomos privilegiados, usávamos uma pista espetacular. Um dos ganhadores dessas corridas, era um dos manos Teixeira, que era dos mais pequeninos, mas tinha muita genica.

Outra coisa que a gente também fazia na escola: havia um cano ou dois por baixo de São Rafael, penso que de saída de água. E diziam que algumas pessoas escondiam lá o produto dos roubos. Então alguns colegas iam tentar descobrir essas coisas. Os que iam, e não tinham medo, depois faziam uma grande história.

O Convento também me marcou muito porque o Dr. Evaristo Sousa Gago tinha a casa alugada. Aquilo era um corrupio de pessoas, porque ele era um médico muito conhecido e era uma pessoa que nunca negava, nem virava as costas a ninguém que lhe pedisse ajuda. Era daquelas pessoas que vinha a Sines e era capaz de levar o carro carregado de pessoas para Lisboa ou para outros lugares. Era um Homem extraordinário!

Nós tínhamos uma quinta ao lado do Convento e foi sempre um sonho construir lá uma casa, debruçada sobre o mar, mas nunca houve dinheiro para isso e, infelizmente, acabou mesmo por ser expropriada.

E o convento em si toda a gente sabe, aqueles que o conheceram, tinha realmente uma posição superprivilegiada. São daquelas coisas que são destruídas que tocam fundo no coração das pessoas. Aquilo foi uma construção que marcou muito e sempre esteve rodeada de uma certa aura. Eram os senhores do Convento!

A nossa terra é cheia de histórias e tinha vida, sempre teve vida!

Quinta do Convento vista do mar, c. 1970

Depoimentos recolhidos por Luísa Bruno em 2017

A ermida de Santa Catarina

Santa Catarina foi outrora uma das grandes devoções dos pescadores de Sines, que em perigo de naufrágio frente à vila, dirigiam as suas preces para a pequena ermida caiada de branco, que se erguia sobre as negras rochas do Pontal. Apesar de ter sido abandonada e ter entrado em ruínas em inícios do século XX, conservou-se a imagem que outrora abrigava e que é uma das mais preciosas obras de escultura do nosso Concelho.

Entre a vila e o Convento de Santo António, junto do Pontal, ergueu-se na centúria de seiscentos uma pequena ermida, também ela bem visível do mar e por isso certamente alvo de intensas preces dos pescadores de Sines, quando se viam em perigo de naufrágio, por ocasião dos grandes temporais.

Em 1911 foi descrita como "uma pequena capela dedicada a Santa Catarina, com altar mor em muito mau estado, tendo do lado poente a sacristia e uma casa de habitação com um só compartimento. Confronta redondamente com caminho público". É assim que nos aparece numa raríssima fotografia, conservada no álbum fotográfico organizado, na primeira década do século XX, por D. Maria das Dores Lobo de Vasconcellos.

A grande simplicidade da construção contrasta fortemente com a sumptuosidade da imagem da mártir, onde a qualidade da escultura e da sua rica policromia são maximizadas pelos atributos de prata e até pelas peças de joalharia que a adornam.

O tesouro desta imagem é bastante significativo, e conhecemo-lo em detalhe a partir dos inventários realizados logo nos primeiros tempos da República, quando se planeava vender o património da Igreja:

- Uma coroa de prata pesando oitenta e duas gramas avaliada em mil seiscentos e quarenta réis.
- Uma palma de prata pesando sessenta e oito gramas, avaliada em mil trezentos e sessenta.
- Uma espada de prata, pesando duzentas e oitenta gramas, cinco mil e seiscentos réis.
- Uma roda de navalhas de prata, pesando trezentas e sessenta gramas, no valor de sete mil e duzentos réis.
- Um anel de ouro com pedra, de abrir e fechar, pesando quinze decigramas, no valor de seis centos réis.
- Dois pregos de prata com flores tremulas.
- Um par de brincos de prata com pedras.

Felizmente de todo este espólio apenas se perdeu o rasto à espada de prata, conservando-se a imagem, no Tesouro da Igreja de Nossa Senhora das Salas, adornada com todos os seus pertences, o que constitui um caso raro no património artístico nacional. Esta escultura apresenta também dois pequenos ganchos, fixados um de cada lado do decote, que permitiria suspender uma gargantilha, de que não há notícia na documentação.

Os atributos e jóias apenas eram colocados na imagem por ocasião da sua festa, que se realizava no dia 25 de novembro, estando durante o resto do ano composta com réplicas de folha metálica pintada e uma roda de navalhas em madeira. É devido à presença deste último elemento que se deve a equívoca associação de Santa Catarina às gentes do mar, pois muitos deles viam nela a representação de uma roda de leme ou até mesmo de uma bóia. Nalguns portos atirava-se à água este atributo, em madeira, para que fosse levado pelas correntes e localizasse os corpos dos náufragos.

No entanto a vida de Santa Catarina nada teve a ver com as atividades marítimas. O seu nome deriva do Grego *kataros*, que significa "pura". Segundo a tradição, desenvolvida por Tiago de Voragine na *Legenda Áurea*, era uma princesa, nascida em Alexandria, onde se converteu ao Cristianismo, na transição entre o século III e o IV. Filha única, desde tenra idade recebeu uma esmerada educação, nas mais variadas áreas do conhecimento, florescendo em sabedoria, inteligência e beleza. Com a morte do pai, passou a dirigir com amplo reconhecimento a sua vasta casa.

Tinha apenas 18 anos quando o imperador Maxêncio iniciou uma terrível perseguição aos cristãos do Egipto, obrigando toda a população a fazer sacrifícios aos deuses pagãos e abjurar a sua fé. Catarina enfrentou-o com serenidade e defendeu os seus irmãos na fé, com argumentos sólidos e firmes, mas o coração de chumbo do monarca não se demoveu e em contrapartida procurou de diversas formas demovê-la. Não se vendo capaz de contestar a argumentação da jovem, resolveu convocar os maiores sábios do império para esmagarem a sua tenacidade, sob os seus sólidos argumentos. No fundo ficara encantado pela beleza de

Ermida e Pontal de Santa Catarina, c. 1907, coleção da Família Lobo de Vasconcellos

Tesouro da Igreja de Nossa Senhora das Salas, Sines

Catarina e planeava em segredo conquistá-la, pelo que lhe ordenou que ficasse no seu palácio até à data do debate.
Santa Catarina foi encorajada por um anjo, que lhe garantiu o triunfo, e enfrentou serenamente os 50 sábios, venceu-os em todas as argumentações, convencendo-os mesmo a abraçar a sua fé, sendo por isso padroeira dos intelectuais, dos filósofos, dos oradores e dos livreiros. O imperador, furioso, tomou uma atitude violente e tentou obrigá-la a tornar-se sua mulher, mas enfrentou mais uma vez a oposição da virgem, que declarou ser consumida por um profundo amor a Cristo, com quem se sentia completamente unida, o que se materializa na imagem de Sines num anel de noivado, na mão que aproxima do coração, simbolizando este casamento místico.
Perante tão firme posição, que comovia e contagiava os habitantes de Alexandria, o imperador mandou matá-la, com o terrível auxílio de quatro rodas de navalhas, que se partiram ao tocar no seu corpo e mataram inúmeros pagãos que assistiam ao suplício, não tocando em qualquer dos cristãos presentes. Foi por fim degolada com uma espada, e do seu pescoço correu puro leite, em vez de sangue. Os anjos vieram então e transportaram o seu corpo até ao monte Sinai, onde foi fundado um mosteiro, ainda hoje existente, onde se veneram as suas relíquias, que pelos séculos exalaram um mágico perfume de flores, representadas abundantemente na imagem de Sines que assim evoca esse "aroma de santidade".
Todos os pormenores desta escultura encerram uma mensagem: o manto é de um vermelho vivo, lembra a cor do sangue do martírio, que foi o seu maior triunfo, no entanto a túnica e sobre túnica, que enverga, são azuis e evocam a pureza do céu.
As plantas e flores também têm a sua linguagem própria: a palma de prata, que tem na mão, é desde remotos tempos um símbolo de eternidade, pois ao contrário das árvores de folha caduca, a palmeira mantém as suas folhas sempre verdes, representando assim a vida eterna, que Santa Catarina ganhou ao perder a sua via terrena.
Esta notável escultura datará do último quartel do século XVIII, por isso nela se nota uma contenção formal, que se afasta já da agitação de panejamentos tão característica do Barroco. Um novo gosto neoclássico e patente em pormenores de gosto arqueológico, como o diadema à romana. No entanto, no trabalho do estofo, ainda domina uma linguagem rococó, em intrincadas barras assimétricas, realizadas com técnicas bastante sofisticadas, como a da "pastilha", que consiste na aplicação de elementos relevados em massa, sobre a superfície da peça, ou o delicado trabalho de puncionado, realizado com punções metálicos de diferentes diâmetros, num procedimento semelhante ao do cinzelamento de uma peça de ourivesaria.

Santa Catarina

Para executar a imagem de Sines foram necessários diversos intervenientes. O chefe da oficina de escultura terá feito um desenho, ou mesmo um modelo de barro, que terá servido de base à execução da peça, em madeira, por um outro escultor sob o olhar atento do mestre. Os elementos mais delicados, como as mãos, foram executados à parte, e talvez mesmo por um outro escultor especializado nesta difícil tarefa. Os olhos de vidro – na verdade de cerâmica vidrada – foram fabricados numa oficina da especialidade e depois embutidos na madeira. Terminada a escultura, foi entregue a um pintor que executou a sua policromia, com particular atenção às carnações, de um suave brilho acetinado, e à reprodução dos tecidos – estofo – desde as sedas estampadas aos pesados bordados a ouro sugeridos na orla do manto. Por fim um ourives da prata executou os atributos. É possível que depois da sua chegada a Sines tenha sido encomendada a coroa de prata, de gosto ainda rococó, pois o olhar local ainda não estaria certamente habituado a identificar o diadema, de gosto arqueológico, como símbolo de realeza. As joias, no entanto, não foram certamente executadas propositadamente para a imagem, pois são peças de uso civil, doadas como ex-votos.

As peças provenientes da ermida de Santa Catarina e Convento de Santo António, podem ser vistas no Tesouro da Igreja de Nossa Senhora das Salas, juntamente com as obras de arte provenientes de outras igrejas e capelas de Sines, na sua maioria igualmente desaparecidas.

Horário:
De quarta a domingo
10/12.30 – 14/17

Lídia Silvestre lembra Al Berto

Na Quinta de Santa Catarina

Lídia Silvestre partilhou com Alberto Pidwel Tavares, mais conhecido pelo seu pseudónimo literário de Al Berto, muitos momentos de trabalho no Núcleo Cultural da Câmara Municipal de Sines, que se prolongavam por vezes pela noite dentro, em tertúlias que animavam a velha casa de Santa Catarina, outrora morada do seu avô Tavares e da avó inglesa, a quem se deveram as inúmeras hortênsias e outras plantas que povoaram o seu belo jardim.

Quinta de Santa Catarina, década de 1980

Santa Catarina / 17 de maio – 2 da manhã

Perturbaram-me estes versos que avançam, as sombras das mãos, suaves como o perfume das ilhas. E não consigo dormir. Fumo cigarro atrás de cigarro, conto e reconto os nós da madeira das portas, e não consigo dormir.
Nada me pertence aqui, no entanto tenho medo destes móveis, destes objetos, como se fossem meus e não soubesse que destino dar-lhes.
A solidão escorre pelas paredes nuas e sujas dos imensos corredores, mas fui eu que decidi viver aqui.
A casa respira silêncio, tanto de dia como de noite, conheço-a milímetro a milímetro.
A casa é um compartimento do meu corpo, é o quarto escuro onde guardo o esquecimento de tudo.
… desconheço o nome do pássaro que canta toda a noite… Lembro-me de quando pensava que a lua era de açúcar. Sentado nos degraus de cimento à entrada da casa, olho a roupa estendida sobre a relva, os hibiscos vermelhos tremiam no incêndio do crepúsculo. Ficava muito quieto, tempos sem fim, à espera que a noite descesse e lentamente escorregasse pela superfície das coisas, e como ilusionista fizesse tudo desaparecer.

Al Berto, *Diários*, edição e apresentação de Golgona Anghel, Lisboa, Assírio & Alvim, 2012.

Santa Catarina era uma mansão, quase um palacete, cujo acesso se fazia por uma estrada de gravilha fina e terra batida, ladeada por enormes palmeiras, em cuja base floriam lindas e numerosas hortênsias. A sua imponência fazia-se sentir logo no velho portão de entrada, que o Alberto fazia questão de nunca fechar. Ao lado da estrada de acesso, já dentro da quinta, um sineense idoso cultivava a sua horta, o que muito agradava ao Alberto, que não raro solicitava aos amigos o respeito pelos tomates, couves e pepinos do Sr. José.
Caminhávamos cerca de 100 metros até aos degraus da entrada principal, para, ao franquear a porta, sermos recebidos pelos painéis de azulejos, e pelo velho piano. A casa estava dividida em duas partes distintas, do lado direito do hall, a cozinha, muito ampla, com uma mesa de pedra enorme ao meio, casa de banho, e alguns quartos pequenos, típicos do alojamento da criadagem. Do lado esquerdo, um corredor dava acesso aos quartos, salas, e uma casa de banho mais sofisticada. Frente ao hall havia um salão grande, com saída para as traseiras, grandes janelas e uma lareira onde no inverno a lenha ardia
Em toda a casa dominava a madeira, uma madeira escura, entre o pau preto e o mogno, talvez vinda por mar, de Inglaterra, como a avó Cristina. Com ela se fizeram os soalhos, e se compuseram as paredes, até meio, dos quartos, salas e corredor, tornando a ala esquerda mais aconchegante nas noites de inverno.
O Alberto instalou-se num quarto com sala contígua, na ala esquerda, cujas enormes portas e janelas, davam para o lado sul – as traseiras – de onde se via o mar de Sines, o rochedo, conhecido por Pedra do Homem, bem como os terrenos da quinta onde resistiam algumas árvores de fruto, e muitas "figueiras da índia", e por onde o Sol inundava as salas nas tardes soalheiras.
Não pareciam longos os serões em Santa Catarina… ultrapassado que foi o período de instalação, antecedido da limpeza coletiva que havíamos levado a cabo, era a hora de recomeçar as tertúlias, onde se comentavam livros, discos, pinturas, desenhos, se trocavam impressões e opiniões sobre o que se ia fazendo, e escrevendo, neste país. Eram curtos todos os momentos passados com o Alberto. Era bom ouvi-lo, e às suas histórias, de Bruxelas e outras. Ele lia o que acabava de escrever, pedia opinião, sobre frases, sinónimos, adjetivos, perguntava se achava melhor assim e se substituísse por isto? Passaram muitos anos, tantos, e ainda me pergunto porque seria que confiava na minha modesta opinião, ele que trabalhava as palavras com quem molda o barro mole nas mãos… Era nova a revolução e só agora as editoras podiam lançar no mercado, sem censura, os livros que entendessem por bem, e era também enorme a avidez de cultura dos jovens de então. Eram muito críticos, e as publicações tinham que ter um português irrepreensível, não eram toleradas liberdades literárias, e o *laisser faire laisser passer* só era aceitável no âmbito da liberdade individual de cada um, enquanto ser humano.
Ali, naqueles dias, foram construídos os *Sete Textos dedicados à Vila de Sines*, com primeira edição, do Autor, nos idos /79, seguidos dos *Trabalhos do Olhar*, cuja primeira edição, também do Autor é de um período que coincidiu com mais um capítulo da sua, e nossa vida, enquanto comunidade, que foi o nascimento do Núcleo Cultural da Câmara de Sines. Foi criado a pedido do então Presidente Francisco do Ó Pacheco, e manteve-se até á Inauguração do Centro Cultural Emmérico Nunes.
Turva-se já a memória, mas quando nela navego, aqui, chegam na noite, os ecos da velha máquina de escrever, pequenina, portátil, sobre uma placa de madeira, com os *Dire Straits* como pano de fundo, misturado com o riso de muitos amigos que já por cá não habitam.
De Santa Catarina, recordo também o Sol vindo do mar, o aroma das hortênsias, e os muitos livros numa estante de madeira e tijolos, e quando as manhãs nos surpreendiam e aindanavegávamos pelas folhas amareladas dos inúmeros livros…
Comigo ficou, o primeiro livro que li, em francês *En Comunication Avec Au de Lá*….

Lídia Silvestre
Sines, 14.06.18